

O CINEMA E A GEOGRAFIA: ENSINO E APRENDIZAGENS GEOGRÁFICAS NA ESCOLA¹

Maria Franciele Oliveira Pinheiro

Universidade do Estado da Bahia – UNEB/*Campus XI*
Geografia, Diversas linguagens e Narrativas de professores – GEO(BIO)GRAFAR
Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID/CAPES)
m.franciele21@hotmail.com

Jéssica Mota dos Santos

Universidade do Estado da Bahia – UNEB/*Campus XI*
Geografia, Diversas linguagens e Narrativas de professores – GEO(BIO)GRAFAR
Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID/CAPES)
jhesy-motta@hotmail.com

Naiara da Silva Lima

Universidade do Estado da Bahia – UNEB/*Campus XI*
Geografia, Diversas linguagens e Narrativas de professores – GEO(BIO)GRAFAR
Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID/CAPES)
nay_swan@hotmail.com

RESUMO: O presente trabalho versa sobre a importância da utilização da linguagem cinematográfica no ensino da Geografia, a partir de um relato de experiência. Trata-se de uma ação denominada *Atelier Geográfico Temático*, desenvolvida no âmbito do PIBID – Projeto Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência no contexto do subprojeto *Formação docente e Geografia escolar: das práticas e saberes espaciais à construção do conhecimento geográfico*, desenvolvido na Universidade do Estado da Bahia – UNEB/*Campus XI* Serrinha, no contexto da Licenciatura em Geografia. A referida experiência foi vivenciada na Escola Jonice Silva Lima, situada na área rural do município de Serrinha. O *Atelier Geográfico Temático* é concebido como um espaço de diálogo que possibilita a reflexão da/na prática, a partir de estudos orientados e realização de atividades formativas, contemplando conteúdos, conceitos e temas da Geografia Escolar atreladas às diversas linguagens como dispositivos didático-pedagógicos em sala de aula. O cinema foi a linguagem escolhida para nortear o planejamento da prática de ensino desenvolvida.

Palavras-chave: Linguagem Cinematográfica. Ensino de Geografia. PIBID. *Atelier Geográfico Temático*

Introdução: PIBID – elo de aproximação entre escola e universidade

O PIBID² – Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência foi criado como propósito de aproximar o graduando das licenciaturas com o seu futuro

¹Trabalho orientado pela Profa. Dra. Jussara Fraga Portugal, UNEB/GEO(BIO)GRAFAR/PIBID – jfragaportugal@yahoo.com.br e pela Profa. Especialista Maria Madalena Mota de Araújo – UNEB/GEO(BIO)GRAFAR/PIBID – mmgeografia@yahoo.com.br, respectivamente, coordenadora de área e bolsista de supervisão do subprojeto *Formação docente e Geografia escolar: das práticas e saberes espaciais à construção do conhecimento geográfico* – PIBID/CAPES, na Universidade do Estado da Bahia – UNEB/*Campus XI*.

² Programa que concede bolsas para estudantes de licenciatura, financiado pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES, com os principais objetivos: 1) incentivar a formação de docentes em nível superior para a Educação Básica; 2) contribuir para a valorização do

espaço de atuação, sendo este a escola. Diante disso, no contexto do subprojeto *Formação docente e Geografia escolar: das práticas e saberes espaciais à construção do conhecimento geográfico*, no âmbito do Curso de Licenciatura em Geografia da UNEB – Universidade do Estado da Bahia, *Campus XI*, localizado no Território de Identidade do Sisal³, o PIBID proporciona aos bolsistas uma série de experiências enriquecedoras e formadoras, tendo em vista a preparação para o exercício profissional docente.

Inserido na perspectiva do referido programa, o *I Atelier Geográfico Temático* foi pensado como uma proposta que visa contemplar o trabalho com as diversas linguagens do ponto de vista geográfico, favorecendo o desenvolvimento de práticas pedagógicas, intencionando a inserção dos bolsistas na sala de aula, nas turmas do Ensino Fundamental II e Ensino médio nas escolas parceiras do PIBID. Neste primeiro atelier utilizou-se a linguagem cinematográfica, objetivando contextualizar os conteúdos abordados no componente curricular Geografia com uma película fílmica e consequentemente, com a realidade do aluno, possibilitando assim, uma aprendizagem crítico-reflexiva e significativa.

Por muitos anos, pudemos perceber certo distanciamento entre a Universidade e a escola básica, sendo que está na maioria das vezes, servia somente como um espaço para receber os discentes de licenciaturas nos períodos dos estágios curriculares supervisionados. No entanto, o Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência, proporciona uma maior inserção do licenciando na realidade das escolas, servindo com uma ponte de ligação entre os conhecimentos e projetos desenvolvidos na academia e aplicados na escola, realizando uma junção das bases de formação de um indivíduo crítico e ativo na sociedade.

magistério; 3) elevar a qualidade da formação inicial de professores nos cursos de licenciatura, promovendo a integração entre educação superior e Educação Básica; 4) inserir os licenciandos no cotidiano de escolas da rede pública de educação, proporcionando-lhes oportunidades de criação e participação em experiências metodológicas, tecnológicas e práticas docentes, de caráter inovador e interdisciplinar, que busquem a superação de problemas identificados no processo de ensino-aprendizagem; 5) incentivar escolas públicas de Educação Básica, mobilizando seus professores como cofomadores dos futuros docentes e tornando-os protagonistas nos processos de formação inicial para o magistério; e 6) contribuir para a articulação teórico-prática necessária à formação dos docentes, elevando a qualidade das ações acadêmicas nos cursos de licenciatura. Disponível em: <<http://www.capes.gov.br/educacao-basica/capespibid/pibid>>. Acesso em: 13 abr. 2015.

³ O Território de Identidade do Sisal, mais conhecido como região sisaleira, está localizado no semiárido, na mesorregião do nordeste baiano e é composto por vinte municípios: Araci, Barrocas, Biringinga, Candéal, Cansação, Conceição do Coité, Ichu, Itiúba, Lamarão, Monte Santo, Nordestina, Queimadas, Quinjingue, Retirolândia, Santa Luz, São Domingos, Serrinha, Teofilândia, Tucano e Valente. Este território abrange uma área de 20.454 km², o equivalente a 3,6% do território baiano, com uma população total de 582.331 habitantes. (Censo Demográfico, IBGE, 2010)

Nesse sentido, o presente trabalho versa sobre a importância de utilizar a linguagem cinematográfica no ensino de conceitos e temas da Geografia na escola, a partir de uma ação denominada *Atelier Geográfico Temático*, a qual faz parte da proposta do subprojeto *Formação docente e Geografia escolar: das práticas e saberes espaciais à construção do conhecimento geográfico*, desenvolvida na Escola Municipal Jonice Silva Lima.

Das limitações às possibilidades: os desafios do ensinar e aprender Geografia

Diante da conjuntura atual, em uma época de grandes transformações, onde as informações possuem um alto grau de poder, circulação e difusão, os jovens se sentem atraídos e inseridos nessa nova era tecnológica, nesse mundo comunicacional, sendo assim, cabe questionarmos: como fica a escola diante dessa nova configuração mundial? Será que a mesma, tem buscado uma alternativa de superação e/ou integração desses suportes tecnológicos? E o ensino de Geografia, como tem sido realizado nas escolas?

Mesmo sendo um espaço de produção e transmissão do conhecimento, a escola se apresenta hoje, como um ambiente portador de muitas limitações e nós não podemos deixar de considerá-las. Na verdade, o cenário educacional atual, como um todo, tem mostrado muitas deficiências, tanto infraestrutural, com escolas mal-acabadas e deterioradas, com pouca segurança. São muitos problemas vistos e vividos cotidianamente, sendo assim, notamos, que a escola precisa buscar uma forma de superá-las urgentemente e promover um ensino de qualidade, favorecendo, desse modo, a formação dos sujeitos.

É importante considerar, que muitos direcionamentos já foram encaminhados, principalmente no que diz respeito ao acesso de todas as crianças à educação, sejam elas ricas ou pobres, negras ou brancas, especiais, urbanas ou rurais, enfim... Podemos dizer que muito já foi feito. No entanto, ainda tem muito para se fazer e é nessa conjuntura, que a ciência geográfica adentra esses princípios, e busca na perspectiva da construção do conhecimento crítico e sistematizado, dar outros direcionamentos ao ensino, que outrora se apresentou tão precário, cheio de limitações. Com isto, entende-se que uma educação verdadeiramente emancipadora, parte da ideia de produzir sempre mais o conhecimento a partir do afloramento do pensar criticamente a vida e os processos nela inseridos.

Ensinar Geografia requer do profissional, um olhar sensível, capaz de ir além do que é imposto, do que é dado pronto e acabado. Como foi dito, é necessário despertar

nos estudantes a vontade de buscar e aprimorar essa visão crítica, é necessário estimulá-los a construir conhecimento juntamente com o professor. Para eles nem sempre, aprender é divertido, interessante ou necessário, pois muitas vezes a escola se apresenta como um ambiente inóspito, distante que não consegue despertar a atenção dos discentes, fazendo com que os mesmos, fiquem em vários momentos do processo dispersos. Logo, entende-se que sem aulas mais atrativas, o processo de ensino e aprendizagem dentro do espaço escolar, fica comprometido.

Neste sentido, Castrogiovanni (2000), destaca que a própria escola, na atualidade, muitas vezes não dá conta de textualizar e explicar novas leituras da vida e por isso se mostra desinteressante e sem brilho para os alunos. Entretanto, fora dela a vida aparece com mais emoção, é aí que cabe ao professor, a difícil tarefa, de dentro das suas possibilidades, fazer esse brilho acontecer em suas aulas através de planejamento e realização de práticas com a utilização de artefatos didático-pedagógicos diversos, favorecendo a garantia do ensino que possibilite o interesse e a interação dos alunos.

É por conta disto, que a Geografia trabalhada em sala, algumas vezes é mal vista pelos alunos, é percebida como uma ciência “chata” e enfadonha que faz uso de práticas mnemônicas. Isto tem a ver, com muitos professores, que no cotidiano, não aproximam os conteúdos abordados com a realidade dos alunos nas atividades realizadas em sala de aula. Quase sempre, a escola não dispõe de recursos pedagógicos para as aulas e isso acaba ocasionando uma série de problemáticas e limitações para o processo de ensino e aprendizagem.

Diante disso, Lima e Vlach afirmam que:

O ensino de Geografia, construído pela reprodução de manuais, conduz a uma insatisfação e a um descomprometimento dos alunos frente a essa disciplina, podendo se perceber afirmações que reforçam a ideia de que a metodologia utilizada pela maioria dos professores nas escolas da cidade não tem relação com a vida cotidiana dos alunos, o que direciona a aprendizagem para repetições, impossibilitando a criação/recriação. (LIMA; VLACH, 2002, p. 45).

Nesse sentido, torna-se necessário propor novas perspectivas que possam direcionar novos olhares ao ensino de Geografia, afinal, uma ciência que possui como objeto de estudo o espaço geográfico, busca muito mais que teorias, mais que um aprendizado construído somente entre quatro paredes, ela compreende uma relação de contato direto com o seu amplo campo de estudo como podemos observar nos Parâmetros Curriculares Nacionais, quando afirmam:

Abordagens atuais da Geografia têm buscado práticas pedagógicas que permitam colocar aos alunos às diferentes situações de vivência

com os lugares, de modo que possam construir compreensões novas e mais complexas a seu respeito. (BRASIL, 1998, p. 30)

Tendo em vista esta compreensão, fica perceptível a importância de inserir novas práticas e adotar novos recursos e linguagens que possam auxiliar o professor em sala ou fora dela, e desta forma facilitar a compreensão dos alunos, despertando um interesse e uma criticidade mais aguçada e sintam-se inseridos na dinâmica que envolve o processo de ensino e aprendizagem. Diante disto, é perceptível a necessidade de inserir artefatos/dispositivos didático-pedagógicos que atraiam a atenção dos alunos e possibilitem ao professor pensar em outros modos de desenvolver a docência.

O cinema como artefato didático-pedagógico no ensino da Geografia

Diante das grandes transformações que estão ocorrendo na contemporaneidade, se torna cada vez mais desafiante aos professores, a adoção de medidas que atraiam a atenção dos alunos na sala de aula. E aqui queremos destacar as diversas linguagens como artefatos didático-pedagógicos e que têm sido muito utilizados por muitos professores de Geografia, principalmente, a linguagem cinematográfica.

A linguagem cinematográfica pode ser utilizada com um artefato didático na sala de aula com a intenção de ampliar os conhecimentos dos discentes. Segundo Kaercher, “[...] podemos ajudar nossos alunos (e a nos próprios) a entender melhor o local, o nacional e o global e, melhor ainda, compreender as relações entre essas escalas” (2006, p. 225). Cabe aos professores, portanto, adotar diferentes metodologias, para que os alunos não vejam as aulas de Geografia como uma experiência enfadonha e percebam que o ensino da Geografia pode ser muito atrativo e cheio de possibilidades.

O uso do cinema nas aulas de Geografia possibilita ainda que o professor inove a sua prática de ensino, e que o aluno sintam-se atraído pela forma como os conteúdos são abordados, tornando as explicações mais dinâmicas e atrativas. Diante das múltiplas possibilidades que o uso do cinema oferece, o professor de Geografia tem a oportunidade de conduzir um aprendizado mais significativo, articulando/relacionando os conteúdos do livro didático, com os que são discutidos nos filmes, principalmente, os conteúdos geográficos.

As diferentes linguagens, incluindo o cinema, estabelecem uma aproximação entre o real e o imaginário, cria relações entre os mesmos, auxilia na compreensão e na criticidade que é preciso para entender o espaço geográfico. Utilizar linguagem cinematográfica na sala de aula gera um leque de possibilidades para o professor,

resultando numa ampla variedade de produções, principalmente quando se trata de conceitos e temas da Geografia, sem contar com a vantagem de trabalhar a interdisciplinaridade, pois, em um único filme, muitos conteúdos são abordados e podem ser feitas relações entre diversos conceitos e temas de diferentes áreas do currículo escolar.

Para Meireles e Portugal,

A relevância do cinema deve-se ao fato do filme ser capaz de captar o objeto mais do que qualquer outra tecnologia, registrando, assim, a sociedade e os espaços com todos os seus componentes, sejam eles de ordem, física, humana e/ou social. O filme instiga/provoca, então, o seu espectador e dele exige uma reação, visto que lhe permite tomar uma posição diante dos fatos, do enredo, da história narrada, da realidade retratada que pode ser sua ou que venha a conhecer mediante as cenas de um filme. (2012, p. 32)

Desse modo, o filme se trabalhado da maneira correta, possibilita aos alunos uma melhor compreensão dos conteúdos geográficos, por isso deve ser bem escolhido e planejado pelos professores, para que se torne um artefato complementar no processo de ensino-aprendizagem, e não apenas uma distração. Como esclarece Campos (2006):

O filme deve ser inserido naquilo que se pretende trabalhar, em um processo de buscas de interpretações com base em referências como o saber escolar e o saber do mundo. Estabelecer mediações sobre as relações entre o encenado e a vida cotidiana, entre a fantasia e a realidade, entre o que é revelado e o ocultado, e entre o observado e o observador [...] um filme pode fazer com que se enxerguem melhor os aspectos da vida, pode também abrir campos de ação do qual nada se sabia [...] (CAMPOS, 2006, p. 3).

Ao selecionar uma película fílmica para ser utilizada nas aulas de Geografia, enquanto recurso didático-pedagógico se faz necessário uma contextualização prévia do conteúdo ou uma exposição dialogada para que o discente consiga estabelecer a devida relação entre o conceito abordado, a narrativa cinematográfica e o seu cotidiano, pois o objetivo principal da linguagem cinematográfica na sala de aula é possibilitar ao aluno a inserção da ciência geográfica na sua realidade, de maneira prática, criativa e lúdica.

A experiência do *I Atelier Geográfico Temático*

O uso da linguagem cinematográfica na escola foi uma prática exitosa, dentro do contexto da nossa atuação no PIDID, a partir do desenvolvimento da ação denominada *I Atelier Geográfico Temático*, cuja proposta que surgiu no âmbito do subprojeto *Formação docente e Geografia escolar: das práticas e saberes espaciais à*

construção do conhecimento geográfico, tendo como principal intuito valorizar e incentivar o uso da linguagem cinematográfica na sala de aula, fazendo com que esta, sirva de ponte de ligação entre o estudante e o conhecimento. Esta é, sem dúvida, uma linguagem, um artefato que proporciona ao aluno um despertar, um gosto pela aprendizagem. Como já observado, sua utilização em sala torna a aula mais atrativa e, porque não, mais divertida. É preciso, portanto, aprender a usufruir os benefícios existentes, ao trabalhá-lo na escola.

Na oficina do *I Atelier Geográfico Temático*, a experiência de trabalhar com filmes ficou marcada, sobretudo, considerando ser uma boa contribuição no processo de ensino-aprendizagem dos alunos da turma de 6º ano de Ensino Fundamental II, na escola parceira, Jonice Silva Lima.

Para que o trabalho fosse bem sucedido, o planejamento tornou-se essencial. Diante do conteúdo trabalhado – Estrutura interna da Terra – selecionamos uma película fílmica que estivesse didaticamente relacionada com as aulas realizadas pela professora. Sendo assim, levamos para a sala de aula a aventura intitulada *O Inferno de Dante*, um filme de ação que narra a história de uma pequena cidade que foi destruída por conta das consequências de um vulcão em erupção, afetando toda sua dinâmica, proporcionando uma nova configuração para aquele espaço.

Para preparar a oficina, traçamos inicialmente um roteiro, listando tudo o que tínhamos que fazer e considerando uma tarde inteira, como carga horária para o desenvolvimento da atividade. Seguindo as orientações da professora coordenadora do subprojeto, constou em nossa programação para o primeiro momento e a abertura da oficina, uma conversa com os alunos sobre o assunto, que intitulamos de aula expositiva dialogada. Durante o segundo momento houve a exibição da película fílmica, e durante este momento distribuímos um lanche, tudo para criar um clima, aproximando a sala de aula com o ambiente de uma sala de cinema.

Numa sequência de atividades, resolvemos de forma dinâmica e divertida realizar um *game* educativo, pois além de contribuir com a aprendizagem significativa dos discentes promove a interação e libera um espírito espontâneo entre os alunos, uma vez que estes demonstram os conhecimentos construídos e neste sentido, fomos avançando no nosso planejamento. Como forma de finalizar o momento, idealizamos a construção de um painel onde os alunos expressaram as aprendizagens e descobertas acerca das atividades realizadas e sobre o que acharam daquela tarde.

No fim da tarde, a nossa proposta foi concretizada e a experiência de realizar o *I Atelier Geográfico Temático* traduz a relevância do trabalho em equipe, pois se trata de

um momento singular em nossa trajetória formativa, momento de construção e aprendizagens coletivas que é bem mais rico e tende a ser bem mais sucedido.

A utilização da linguagem cinematográfica é oportuna e atual. Com vimos, entendemos que o uso de diversas linguagens no ensino favorece positivamente a produção do conhecimento, uma vez que possibilitam diferentes modos de compreender o processo formativo. Assim, a educação é compreendida de outros ângulos de olhar para a vida, vendo-a de várias formas, sem unilateralidade, sem mesmices e conclusões prontas. Através do uso de uma simples película fílmica, é possível explicar um conteúdo geográfico de modo diferente do habitual, de modo que outros entendimentos e compreensões sejam gerados pelo estudante, isto tudo, além de ser inteligível não deixa de ser uma forma de trabalhar em cada aluno o tão falado senso crítico interpretativo, aguçando a criatividade e a sabedoria para a vida.

Nesta dimensão, cabe aos envolvidos no processo, todo mundo se ajudar e cada um colaborar de uma forma, contribuindo assim, para uma sincronia perfeita no andamento das atividades. Deve existir um suporte do professor para com o aluno, tirar dúvidas e ajudá-los, mas sem com isto, retirar do aluno sua autonomia, valorizando seus pensamentos e ideias.

E neste sentido, elevamos aqui, a condição da cooperação praticada entre nós bolsistas enquanto uma equipe envolvida, em nível bonito de sensibilidade e organização muito aquém do que imaginávamos no desenvolvimento deste projeto. Isto é bom e vale ser destacado! É um ponto muito positivo, que, de certa forma, o PIBID nos proporcionou vivenciar.

Refletindo a prática

Consideramos bastante pertinente a experiência do I Atelier Geográfico Temático, pois além de inserir os estudantes de licenciatura no espaço escolar, também se utilizou da linguagem cinematográfica para auxiliar a prática docente, o que na opinião dos discentes fez toda a diferença, pois a partir dessa vivência os mesmos puderam fazer uma análise mais criteriosa a respeito dos conteúdos abordados na Geografia Escolar.

Compactuando dessa ideia, Meireles e Portugal afirmam que, “Na linguagem cinematográfica, o personagem conduz a ação e, desse modo, possibilita ao espectador voltar o seu olhar para o mundo, em uma trajetória que é uma verdadeira e autêntica narrativa geográfica.” (2012, p. 32)

Algumas destas questões tornam-se perceptíveis, na conjugação das análises dos alunos da turma de 6º ano, participantes da prática realizada. Observemos a narrativa do Aluno A, quando perguntamos o que ele mais gostou na oficina realizada com o uso didático-pedagógica com a linguagem cinematográfica, a saber:

O que eu gostei foi do filme, da brincadeira e da explicação das professoras. [...] Eu gostei muito, muito mesmo que até aprendi mais. Foi muito legal. Foi legal mesmo curtir um filminho na sala, com os meus colegas. (ALUNO A)

Além de expressar as suas opiniões em relação ao que gostaram, os alunos também opinaram sobre o que eles aprenderam com a exibição da película fílmica juntamente com a aula expositiva e o *game* educativo, vejamos o relato do Aluno B:

Os vulcões são muito perigosos, mas tudo isso é causado pelo movimento das placas tectônicas, e que podem causar outros problemas como terremotos e que destroem as casas, as árvores, as cidades. (ALUNO B)

Quando indagados, inicialmente, considerando seus conhecimentos cotidianos, os alunos trouxeram uma perspectiva pouco positiva acerca do assunto. Ao tratar de vulcanismo, os alunos fazem imediata alusão à destruição, acidentes naturais, mortes e tantas outras consequências negativas. A partir da exposição dos conhecimentos narrados, provocamos outra discussão acerca da temática, na expectativa que uma nova compreensão fosse construída, principalmente, no que se refere à formação e transformação do espaço geográfico, mediante a ocorrência dos fenômenos retratados, sobretudo, sobre as paisagens famosas no mundo, que são resultantes da ação da atividade vulcânica e das lavas expelidas que resfriaram e se transformaram em rochas.

Diante dos relatos dos alunos, podemos perceber o quanto foi interessante para os mesmos a realização dessa atividade proporcionada pelo PIBID, junto à escola parceira, que além de contribuir para o aprendizado, também foi bastante descontraída, de modo que todos participaram.

Ao relembrar alguns momentos vivenciados, podemos destacar o quanto foi significativo experienciar práticas formativas com o uso didático-pedagógico da linguagem cinematográfica em sala de aula, vê-se que diante de um único aspecto, várias possibilidades de aprendizagens podem vir a ser construídas. Às vezes, dadas às condições do trabalho que o professor encontra na escola, a sua aula acaba se tornando muito mecânica, e através do *I Atelier Geográfico Temático*, nós pudemos ver que com uma simples inovação o professor tem a possibilidade de transformar completamente a

sala de aula, criando um ambiente favorável à aprendizagem, a partir de novas perspectivas que irão, de forma singular, auxiliar na construção do conhecimento.

Assim, esta experiência foi de extremamente significativa tanto para os discentes, quanto para as Bolsistas ID do PIBID, contribuindo com a consolidação de uma relação sólida entre a Universidade/Escola, relação essa, que se constitui como a base para a trajetória de formação dos estudantes e para outras contribuições dadas ao Ensino de Geografia. Nesse sentido, D'Ávila diz que:

Claro, poder-se-á ler os melhores livros e as mais belas teorias sobre 'como ensinar', por exemplo, mas só se aprenderá, efetivamente, e somente se desenvolverá um perfil singular ou uma identidade profissional, no exercício da profissão. (2013, p. 27)

Comungando das ideias da autora sobre a importância das vivências na profissão, vemos tratar-se de um momento de construção da identidade docente, pois, esse contato mais intenso com o espaço no qual a prática da formação se constitui, é de extrema importância na vida profissional. Ninguém pode afirmar algo daquilo que não se conhece, e será a partir desse contato que começam a surgir às primeiras impressões e certezas que formam o “eu professor”.

Considerações finais

Torna-se perceptível, a grande representação que o Programa institucional de Bolsas de Iniciação à Docência – PIBID possui na perspectiva de aproximar ainda mais a Universidade e a Escola Básica, inserindo os estudantes das licenciaturas no seu ambiente de trabalho e permitindo-os experienciar a prática docente juntamente com seus professores supervisores, que vivem e transformam diariamente a realidade do chão da escola.

Inserido no contexto do subprojeto do PIBID/CAPES, *Formação docente e Geografia escolar: das práticas e saberes espaciais à construção do conhecimento geográfico*, o *I Atelier Geográfico Temático* deixa sua marca. E com passos distintos, inseriu o Bolsista na sala de aula e fez da linguagem cinematográfica uma forma de fazer perceber que o professor não adentra a sala de aula para ensinar os alunos, mas que o docente possibilita através de aulas estimulantes à troca e construção de um conhecimento que é válido para a vida inteira.

E agora, olhamos para trás vemos como foi uma experiência gostosa, e claro exitosa. É bom ver que todo nosso esforço e nosso empenho foram convertidos em uma sensação boa de missão cumprida. Cabendo aqui, reforçar, o quanto as diversas

linguagens, com destaque à linguagem cinematográfica, na metodologia dos professores tornam as aulas mais dinâmicas e divertidas, ao contextualizar as questões e fatos contemplados nas narrativas fílmicas com os conteúdos curriculares abordados na escola.

Referências:

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria De Educação Básica. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Geografia**. Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC \ SEF, 1998, 156 p.

CAMPOS, Rui Ribeiro de. Cinema, Geografia e sala de aula. **Estudos Geográficos**, Rio Claro, 4(1): 1-22, Junho – 2006.

CASTROGIOVANNI, Antonio Carlos. Apreensão e compreensão do Espaço Geográfico. In: CASTROGIOVANNI, Antonio Carlos. (Org.). **Ensino de Geografia: Práticas e textualizações no cotidiano**. Porto Alegre: Mediação, 2002. p. 11-79.

D'ÁVILA, Cristina. O lugar do estágio curricular na constituição da identidade profissional docente. In: PEREIRA Áurea da Silva; VILELA, Marcos Antonio Maia. (Orgs.). **Letramento no Estágio supervisionado e formação de Professores**. Salvador: EDUNEB, 2013. p. 27-43.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Censo Demográfico, 2010**. Disponível em: < <http://www.ibge.gov.br/censo2010/> Acesso em: 21 abr. de 2011.

LIMA, Márcia Helena de; VLACH, Vânia Rúbia. Geografia Escolar: Relações e Representações da Prática Social. In: **Caminhos de Geografia**, 3(5), Fev/ 2002.

KAERCHER, Nestor André. O gato comeu a Geografia Crítica? Alguns obstáculos a ser superado no ensino-aprendizagem de geografia. In: PONTUSCHKA, Nídia N.; OLIVEIRA, Ariovaldo Umbelino de. (Orgs.). **Geografia em Perspectiva: ensino e pesquisa**. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2006. p. 221-231.

MEIRELES, Mariana Martins de; PORTUGAL, Jussara Fraga. Entre textos, imagens e canções: a “cidade da Bahia” e suas geografias. In: PORTUGAL, Jussara Fraga; CHAIGAR, Vânia Alves Martins. (Orgs.). **Cartografia, cinema, literatura e outras linguagens no ensino de Geografia**. Curitiba, PR: CRV, 2012. p. 19-40.